

## Clovis Moura – Escravismo colonial – do livro Dialética radical do negro brasileiro

Chamamos de **escravismo pleno** àquele período da escravidão que se estende no Brasil do ano 1550 (+ou -) até aproximadamente 1850, quando é jurídica e efetivamente extinto o tráfico internacional de escravos africanos.

(...)

Por outro lado, seria ingênuo supor-se, no Brasil, um modo de produção que se auto satisfizesse na área de circulação e do consumo, fosse um escravismo patriarcal, fechado, e se regulasse apenas e tão-somente pelas relações estabelecidas internamente. Seria também ingênuo supor-se que esse escravismo, por estar ligado ao capitalismo mercantil das nações consumidoras dos seus produtos tivesse internamente, regulando-o, as leis de mercado daquelas nações. O modo escravista de produção que se instalou no Brasil era uma unidade econômica que somente poderia sobreviver **com** e **para** o mercado mundial, mas, por outro lado, esse mercado somente podia dinamizar o seu papel de comprador e acumulador de capitais se aqui existisse, como condição indispensável, o modo de produção escravista. Um era dependente do outro e se completavam. Daí muitas confusões teóricas ao interpretar-se o período quando se procura entender as leis econômicas do capitalismo, especialmente do capitalismo mercantil à estrutura e à dinâmica da sociedade brasileira existente naquela época.

Não podemos deixar de reconhecer, por outro lado, que, no setor comprador, como na sua contrapartida, o vendedor, tivessem havido relações mercantis entre si. Mas, as relações de produção escravistas eram, no entanto, o suporte fundamental que configurava as suas bases estruturais e determinavam todos os demais níveis do relacionamento social. Em outras palavras: as relações escravistas de produção eram as fundamentais e as que determinavam internamente sua dinâmica. E essa economia por outro lado, que já foi chamada de uma “vasta empresa comercial” somente poderia desenvolver-se e vender a sua produção substantiva se fosse compradora de uma mercadoria indispensável: o escravo. E aqui se conclui a definição de Caio Prado Júnior: era uma empresa comercial cujo modo de produção era o modo de produção escravista.

Sem o fluxo permanente da compra dessa mercadoria viva o sistema escravista não poderia sobreviver e desenvolver-se. Ela era a mola propulsora de tudo aquilo que dava vida ao sistema e que, ao chegar, era ordenada de acordo com a sua divisão interna de trabalho.

(...)

Querer dizer-se que o modo de produção existente aqui era capitalismo, porque estava diretamente ligado ao capitalismo europeu na sua fase mercantilista e com ele estabelecia relações mercantis através daquilo que se convencionou chamar de divisão internacional do trabalho, não se sustenta se partirmos da análise das relações de produção que existiam aqui. É que há confusão entre divisão internacional do trabalho e divisão internacional do comércio (mercado). Acontece que os dois termos não têm o mesmo significado sociológico. A divisão internacional do trabalho seria aquela divisão estabelecida nas diversas áreas onde a mercadoria era produzida através do trabalho escravo (no nível das relações de produção), como o açúcar, fumo, algodão, metais preciosos para o mercado consumidor e pelas classes senhoriais de cada região produtora. E a divisão internacional do comércio seria a divisão entre si das áreas de mercado comprador pelas nações que dinamizavam, no lado **ativo**, o mercado internacional. As duas coisas são, como vemos, bem diferentes.

(...)

Como vemos, no nível das relações de produção internas temos uma estrutura escravista com todas suas características fundamentais. NO nível da distribuição, circulação e comercialização temos relações mercantis dos senhores de escravos, donos das mercadorias exportáveis com o capital das metrópoles em nível internacional.

Assim, como o fundamental para se caracterizar um modo de produção são as relações de produção, não podemos deixar de reconhecer que este fato determina todos os outros. O trabalho escravo, internamente distribuído e dinamizado através de níveis diferenciados da extração do sobretrabalho e da exploração econômica e extra-econômica do escravo, foi o fator que proporcionou a dinâmica que se processou nos outros níveis de interação e ensejou a possibilidade do sistema colonial desenvolver-se.

(...)